



ENTREVISTA COM ISABELA FIGUEIREDO

Charles Borges Casemiro ¹

Fátima Bueno ²

Ana Luiza Gerfi Bertozzi ³



Isabela / Charles



Isabela / Fátima



Isabela / Ana Luiza

Isabela Figueiredo, uma das celebridades da literatura portuguesa contemporânea – primeiro, em seu Blog, depois, em seu romance *Caderno de Memórias Coloniais* e, agora, em *A Gorda* – é a nossa entrevistada deste número da *Metalinguagens* (29/11/2017). Uma escritora contundente, do alto de seu estilo cru e direto – que bem caberia a uma espécie de neorrealismo contemporâneo – mas que, ao mesmo tempo, se faz carregado de bela dose de lirismo partícipe da poética moderna, só possível, entretanto, ao olhar de quem se estilhaça de emoção diante do sofrimento humano, sem perder de vista os nós da história circundante, seja na própria casa, na casa

¹ Doutorando em Literatura Portuguesa (USP); Mestre em Literatura (UPM); Docente do Curso de Licenciatura em Letras do IFSP-SPO.

² Pós-Doutora em Literatura (Universidade de Lisboa); Doutora em Teoria e História Literária (UNICAMP); Docente da FFLCH, Universidade de São Paulo.

³ Licencianda do Curso de Licenciatura em Letras / Português do IFSP-SPO; Bolsista do Projeto de Iniciação Científica Editoração das Revistas do *Campus* São Paulo – IFSP-SPO.

Revista Metalinguagens, v.4, n.2, p. 166-173, Charles Borges CASEMIRO, Aparecida de Fátima BUENO, Ana Luiza Gerfi BERTOZZI.

do vizinho ou nas casas mais distantes de todos os nossos olhares mais atentos e delicados. Um tempo incomum, um lugar incomum, onde uma coleção de personagens incomuns vivencia uma história-estória incomum, que se abriga e se obriga pela escolha humana incomum diante da história *lusumana* fragmentada, nos tempos e espaços pós-coloniais. Em sua primeira visita ao Brasil, Isabela veio, no tom mais terno que é possível para quem se determinou e se determina a assumir a crueza da própria história, para nos dizer cá: “*já percebi quem sou, já me identifico mais com a ideia de que sou escritora porque, antigamente, eu ainda não tinha tomado consciência, achava que era só uma amadora, uma amadora da escrita. Agora, me vejo mais como escritora, em um tipo de narrativa de alguém que está a crescer e a encontrar o seu lugar dentro daquilo que ama fazer.*”.

1. Uma primeira questão que gostaríamos de levantar a respeito da sua obra, como um todo, até esse momento é: Se houvesse uma história para contar aos leitores da sua passagem da escrita do *Blog* ao seu primeiro romance *Caderno de Memórias Coloniais* e daí ao seu novo romance *A Gorda*, como seria esta história?

É a história de alguém que amadurece, é a história de uma criança que vai amadurecendo, que vai se tornando adulta. Porque eu, no *Blog*, ainda não sabia bem que era uma escritora, apenas sabia que gostava de escrever, e que isso era fundamental na minha vida, que era a coisa mais importante da minha vida. Então, entre o *Blog* e o *Caderno* é a história de alguém que vai amadurecendo, vai se tornando adulto, e eu penso que em *A Gorda*, eu já sou um bocadinho mais adulta do que no *Caderno*, já sou mais romancista, já me sinto mais escritora. Nele, já percebi quem sou, já me identifico mais com a ideia de que sou escritora porque, antigamente, eu ainda não tinha tomado consciência, achava que era só uma amadora, uma amadora da escrita. Agora, me vejo mais como escritora, em um tipo de narrativa de alguém que está a crescer e a encontrar o seu lugar dentro daquilo que ama fazer.

Revista Metalinguagens, v.4, n.2, p. 166-173, Charles Borges CASEMIRO, Aparecida de Fátima BUENO, Ana Luiza Gerfi BERTOZZI.

2. Também, pensando, ainda, na sua escrita: você escreve em Portugal já em um contexto histórico, político, econômico, social pós-colonial. Todavia, tomando daí a questão do pertencimento, que nos parece tão cara em sua escritura, perguntamos: a sua escrita é portuguesa? Em que sentido então sua escrita pertence a Portugal?

A minha escrita é universal. Eu abordo questões que são universais, pertencem a todas as culturas, a todos os tempos: a questão da perda, da decadência, saber perder, saber crescer... isso é universal. É difícil responder a isso, mas o que eu sinto é que meu coração é português. Meu coração pertence ao meu pai e a minha mãe. Eu não tenho terra, eu sou sem-terra. E, sendo sem-terra, o meu coração tem que pertencer ao amor e o amor, para mim, é o meu pai e a minha mãe. Portanto, o meu coração é português, como o meu pai e a minha mãe eram portugueses. Mas a minha escrita é universal. Eu penso que ela é universal, embora, o espaço – como termo da narrativa em que temos, tempo, espaço, personagem, etc – o meu espaço é um espaço português, mas eu não vejo a minha escrita como portuguesa. Aliás, eu sou bem mais influenciada por escritores ingleses, americanos, por escritores russos e brasileiros, muito mais do que por escritores portugueses. A grande referência em mim, de escritores portugueses é Eça de Queirós. Portanto, se minha escrita é uma escrita portuguesa, é porque o meu coração é português, só por isso.

3. Uma das marcas bastante contundentes da Literatura Portuguesa contemporânea nos parece ser, a reflexão sobre a identidade, ou sobre as identidades: isso é o que vemos em seu *Caderno de Memórias Coloniais* e em *A Gorda*. Em sua opinião, em que medida essa temática se relaciona diretamente com o 25 de Abril e com a Guerra Colonial para os portugueses?

O 25 de Abril, para os portugueses, foi uma abertura, foi uma janela que se abriu e quando as janelas se abrem, podemos começar a respirar. Antigamente não se respirava e quando começamos a respirar podemos, finalmente, começar a questionar. É como ir à escola. Ir à escola é fundamental para aprendermos a pensar, a organizar o

Revista Metalinguagens, v.4, n.2, p. 166-173, Charles Borges CASEMIRO, Aparecida de Fátima BUENO, Ana Luiza Gerfi BERTOZZI.

pensamento. O 25 de Abril foi a nossa ida à escola; nós tomamos consciência de que existia um mundo para além de Portugal. Pudemos começar a ler a literatura que não aparecia em Portugal. O 25 de Abril é uma tomada de consciência, e essa tomada de consciência que permite que escritores como Lobo Antunes comecem a escrever sobre a guerra colonial e que pessoas como eu – que viveram o colonialismo – possam escrever sobre ele livremente. Caso contrário, nada podia ter acontecido. Eu podia ter sido, toda a vida, uma marginal, uma pessoa que pensava sem ter liberdade de expressão, porque é possível uma pessoa manter-se toda vida calada, porque nossa mente é livre. Mas ter voz, ter capacidade de expressão, poder chegar ao outro é uma forma de poder muito forte. Ter voz é um poder enorme. Poder falar, poder chegar ao outro, poder influenciar de alguma maneira a vida do outro, poder despertar uma ideia no outro é muito poderoso. E o 25 de Abril, como eu te disse, foi uma janela que se abriu e essa janela que se abriu permitiu reflexão, permitiu o questionamento no ponto que estamos agora. Uma coisa que o povo português tem de bom é: nós questionamos, nós refletimos, mas nós nunca chegamos a esta violência (referindo-se a um episódio de violência ideológica observado na USP). Nisto nós não chagamos. Somos mais *low-profile*, podemos debater, mas isso não.

4. Então acrescentamos: a guerra, em si, que você vivenciou, tal qual Lobo Antunes ou Lídia Jorge, que também tratam dessa questão, a guerra colonial é um estopim para a escrita portuguesa deste momento: o quanto ela modifica o caminho dessa literatura portuguesa?

Na minha geração não, na geração de Lobo Antunes sim. Porque, atenção, o Lobo Antunes realmente viveu a guerra, ele esteve com armas na mão, ele esteve lá, eu não. Eu sabia que havia conflitos armados, não sabia como eram. Eu não vivi a guerra. Vivi a violência da independência e vivi o perigo iminente de poder ser violada e assassinada, existia esse perigo. Mas a guerra verdadeira, não a vivi. A guerra colonial influencia a geração vinte anos mais velha que eu, na minha geração não. Na minha geração é o questionamento do que era ser português, do que era ser europeu, porque

Revista Metalinguagens, v.4, n.2, p. 166-173, Charles Borges CASEMIRO, Aparecida de Fátima BUENO, Ana Luiza Gerfi BERTOZZI.

nós portugueses não nos víamos como europeus, antes do 25 de Abril. Quando falávamos de França e de Inglaterra, dizíamos a Europa, não pertencíamos àquilo, Portugal era um lugar à parte, uma espécie de ilha. E nós agora estamos a questionar, perdemos África, perdemos as colônias e estamos a nos encontrar enquanto identidade europeia. Isso é importante para a minha geração.

5. Ainda nesse caminho: quando imaginamos que Portugal, em 150 anos (1822-1974), perdeu toda a sua possibilidade do mito imperial de além-mar: perdeu a América, perdeu a África, e perdeu o Oriente. Como é que os portugueses, de um modo mais comum, hoje tratam dessa questão? Como isso é vivenciado?

Essa pergunta é muito boa. O período da história portuguesa que nós damos mais relevância e que é estudado com mais afinco no nosso currículo é o período das descobertas. Nós estudamos todas as viagens de Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, tudo isso muito é estudado e de forma muito intensa, aquilo que nós sabemos melhor da nossa história. Damos muita relevância a esse período, como se dar relevância a esse período significasse uma forma de compensar tudo que perdemos. E estamos sempre a falar de que fomos um grande povo, que nós somos o povo dos descobridores. Esse discurso está sempre presente. Porque nós temos a noção de que somos pequenos, somos insignificantes, somos 10 milhões. São Paulo tem quantos milhões? “12”. Nós, em Portugal, somos 10 milhões, então sabemos que somos pequenos, que economicamente somos frágeis. Mas nós estamos sempre dizendo: “Nós já fomos grandes. Nós já fizemos isso e aquilo, coisas que os outros não ousaram, mas nós sozinhos fizemos”. No discurso oficial, no currículo da escola, da história, isso é muito reforçado: o estudo dos navegadores, das descobertas é uma forma de compensar isso. Mas falar dos descobrimentos também é muito criticado pela esquerda, a direita é quem vai lá buscar isso.

6. Tematizando novamente a sua escrita e considerando o universo português hodierno fragmentado dos tempos pós-coloniais; considerando ainda uma escrita

Revista Metalinguagens, v.4, n.2, p. 166-173, Charles Borges CASEMIRO, Aparecida de Fátima BUENO, Ana Luiza Gerfi BERTOZZI.

fragmentária portuguesa – que se vê marcada em obras como de Lobo Antunes, de Lídia Jorge, de Dulce Maria Cardoso, etc, perguntamos: esse processo de fragmentação da vida e da linguagem pode explicar o seu processo de escrita?

Eu acho que a descolonização causou uma fragmentação. Uma fragmentação geográfica e uma fragmentação do nosso corpo emocional. A fragmentação da minha escrita é o resultado da minha fragmentação emocional. Eu sou uma pessoa estilhaçada. A Dulce Maria Cardoso é uma pessoa estilhaçada. Somos pessoas que se quebraram, quem internaliza as suas diferenças em algum momento se quebra (...). Então há estilhaços espalhados... e eu penso que, no meu caso pessoal, o meu estilhaçamento narrativo está mais relacionado com meu estilhaçamento emocional. Eu vejo esses fragmentos, estilhaços, como fragmentação emocional em mim mesma, o que é forte, mas que existe em mim hoje... eu ainda estou a procurar os bocadinhos de mim, há bocados de mim espalhados fora de mim e eu estou a tentar juntá-los dentro de mim. Eu preciso ser inteira, porque eu perdi-me, eu estilhacei-me.

7. Podemos dizer que, não somente em sua obra, mas na literatura portuguesa contemporânea, haveria portanto, uma relação entre escrita, fragmentação emocional, ditadura, 25 de Abril e descolonização?

Eu acho que sim. Tudo isso é muito recente e todas as pessoas – mesmo mais novas que eu – são afetadas pela memória do discurso relacionado a ditadura, ao 25 de Abril e a descolonização, isso eu acho que sim.

8. Você fala de uma maneira lírica de olhar para a história. Sendo assim, em que medida essa maneira de olhar está relacionada ao afloramento e desenvolvimento de obras de autoria feminina em Portugal?

A forma da mulher abordar a história trouxe uma alteração para toda a história da Europa e do Mundo, porque as mulheres não abordavam nada, não tinham lugar. O

Revista Metalinguagens, v.4, n.2, p. 166-173, Charles Borges CASEMIRO, Aparecida de Fátima BUENO, Ana Luiza Gerfi BERTOZZI.

ponto de vista das mulheres ainda é na minha geração um ponto de vista diferente, porque continua a ser ainda o ponto de vista do privado e não público. E, nesse aspecto, nós estamos a observar a realidade por um outro lado, diferente do dos homens. O ponto de vista não é o mesmo, o ponto de observação é diferente. Portanto, se o ângulo é diferente, o que se vê não é exatamente o mesmo. Sendo o objeto o mesmo, não vemos o mesmo lado dele. Eu não gosto de fazer distinções entre literatura escrita por homens e literatura escrita por mulheres, eu não gosto mesmo. E não acho que há uma superioridade ou uma inferioridade. Mas, há agora, de facto, um aumento no universo de observação, agora ficou melhor, mais vasto. Eu estou muito feliz com o fato de haver mais escritoras portuguesas, é muito bom para mim, eu não tenho filhos, mas é importante para a geração futura. Pouco a pouco, passo a passo, estamos a desconstruir as coisas construídas erradamente, portanto, estou feliz com isso. E acho que sim, as minhas obras estão a contribuir para ares mais progressistas na literatura portuguesa.

9. Assistimos a uma crescente participação das mulheres no cânone da literatura portuguesa, sobretudo, a partir de segunda metade do século XX, gostaríamos de saber se há, nesse passo, em sua obra, um lugar especial para a afirmação da autoria feminina e, nesse sentido, e por extensão, há um lugar especial para a afirmação da mulher?

Há. É preciso perceber uma coisa, neste momento, em Portugal, não fica bem dizermos que somos feministas. Eu sou feminista e sou uma feminista não fundamentalista, como dizia há pouco... não gosto de fundamentalismos, mas eu sou feminista. Eu sou mulher e as mulheres têm um papel importante. Eu sou importante para mim. A mulher tem um papel importante na vida e assim tem um papel importante na minha obra. Eu tenho bem uma admiração enorme pelas mulheres, gosto imenso das mulheres. E eu quero que a minha obra sirva para dignificar as outras mulheres, para representar de alguma forma as outras mulheres. Eu quero que as outras mulheres – quando me leiam –, se sintam representadas na minha obra. Algumas não vão sentir, claro, não tenho essa pretensão de que todas as mulheres se sintam representadas. Mas

Revista Metalinguagens, v.4, n.2, p. 166-173, Charles Borges CASEMIRO, Aparecida de Fátima BUENO, Ana Luiza Gerfi BERTOZZI.

eu gostaria muito que a questão da autoestima e da autoconfiança – que existe nas mulheres que eu construo – afetasse as outras mulheres. Porque eu acho que as minhas mulheres são mulheres fortes, são mulheres corajosas, fortes, perseverantes, que não desistem, são resistentes. E eu gostava muito que esse universo contagiasse as mulheres.

Envio: Novembro/2017

Aceito: Novembro/2017